Journal of Accounting Research Supplement, Empirical Research in Accounting: Selected Studies, vol. 4, pp. 71-111.

BREALEY, R. e MYERS, R. (2000), **Princípios de Finanças Empresariais**, Lisboa, 6ª Edição, editado por McGraw-Hill.

HOLMEN, J.S. (1998), «Using Financial Ratios to Predict Bankruptcy; an Evaluation of Classic Models Using Recent Evidence», *Akron Business and Economic Review*, Primavera, pp. 52-63.

MENEZES, H. Caldeira (1999), **Princípios de Gestão Financeira**, Editorial Presença, 7ª edição, Lisboa.

NEVES, J. Carvalho (2000), **Análise Financeira - vol. I - Técnicas Fundamentais**, editado por Texto Editora, 12ª edição, Lisboa.

OHLSON, J.A (1980), «Financial ratios and the probabilistic prediction of bankruptcy», *Journal of Accounting Research*, Primavera, pp. 109-131.

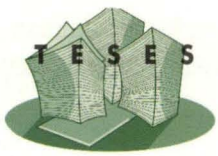
REIS, Elizabeth. (1992), «Análise Discriminante: um método de Estatística Multivariada para descriminar sem excluir», *Temas em Métodos Quantitativos para Gestão*, nº 10, editado por GIESTA/ISCTE.

STEPHEN, A. Ross, WESTERFIELD, R.W. e JAFFE, Jeffrey (1999), **Corporate Finance**, 5ª ed., Boston, editado por Irwin/McGraw-Hill.

TAFFLER, R.J. (1981), «Forecasting company failure in the UK using discriminant analysis and financial ratio data», *Journal of Royal Statistical Society*, pp. 342-358.

TAFFLER, R.J. (1994), «The use of the Z-Score Approach in practice», Paper apresentado num Research Seminar, ISCTE, 27 de Junho, pp. 1-35.

ZAVGREN, C.V. e FRIEDMAN, G.E. (1987), «Are bankruptcy prediction models worthwhile? And application in securities analysis?», *Management International Review*, 1988, pp. 34-44.



Formação em competências-chave, alternativa à exclusão social dos BNE (trabalhadores com Baixo Nível de Escolarização)

por Pedro Lopes de Mendonça

Tese de Mestrado em Políticas e Gestão de Recursos Humanos pelo ISCTE (Portugal).

No mercado de trabalho, o emprego está a sofrer profunda e rápida mutação. O mito do "pleno emprego" será substituído pelo do "trabalho escolhido". Para além da inovação tecnológica, haverá muita inovação organizacional e social. Com a globalização da economia, a vantagem competitiva do polo europeu está na qualidade e não no custo.

O denominador comum das reflexões anteriores significa muito investimento em formação. Portugal está em situação muito frágil para poder responder a estes desafios.

Na estável Sociedade taylorista/fordista, os saberes são sistematicamente padronizados, classificados e socialmente reconhecidos/medidos através de diplomas ou certificados.

Em contrapartida, a sociedade e a empresa da Era da Informação evidenciam uma inadequação do sistema de ensino face às competências requeridas pela acção: a competência central passará a ser a atitude de aprender ao longo da vida. A escola tenderá a ser apenas um dos elementos da Sociedade cognitiva; as modalidades de formação tenderão a ser mais abertas, flexíveis e à distância e terão forte componente de auto-formação e formação contínua. O professor/formador passará a ser um tutor ou *sponsor*. A responsabilidade social das empresas deixará de ser a de oferecer emprego para passar a ser a de oferecer empregabilidade, isto é, dar oportunidade para as pessoas adquirirem as competências de que necessitam para hoje e para amanhã, na mesma ou noutra empresa. A empresa, proporcionará a todos a informação que lhes possibilita tomar iniciativas e trabalhar com autonomia. O chefe passará a ser um conselheiro, "facilitador" do crescimento dos membros da sua equipa.

Consequentemente, as denominadas *competências-chave* (trabalhar em grupo, comunicação, espírito de iniciativa, flexibilidade e polivalência, autonomia, entre outras), que tradicionalmente não se aprendem no sistema de ensino, têm um papel decisivo na Sociedade da Informação.

Os trabalhadores BNE (Profissionais com baixo nível de escolarização/qualificação), estão em situação particularmente desabrigada e correm sério risco de exclusão social nesta nova sociedade. Na conhecida dicotomia que distingue *info-ricos* e *info-pobres*, os BNE estão no fim da escala destes últimos.

A formação em competências-chave dos BNE (Profissionais com baixo nível de escolarização/qualificação) será uma alternativa à sua exclusão social? ■

Pedro David Lopes de Mendonça
Professor no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Portugal.
Mestre em Políticas e Gestão de Recursos Humanos (ISCTE).
E-mail: pedro.mendonca@netcabo.pt